

Notas sobre "A EXPULSÃO DOS POETAS DA REPÚBLICA" - PLATÃO

Elaborado por: Roberta de Araújo Binatti / 2005.1

No diálogo entre Sócrates e Glauco, Platão expõe através daquele seu pensamento de que todas as obras miméticas podem destruir a inteligência de seus ouvintes que não tiverem como antídoto o conhecimento da sua verdadeira natureza e estabelece a doutrina de não aceitar a poesia de caráter mimético na República, então, a partir deste momento, os poetas não poderão mais fazer parte dela.

A mimética não é aceita, pois faz com que o homem se desvie da razão e a sua exclusão justifica-se pelo fato de o conhecimento do mundo e da sua verdadeira natureza ser fruto da razão e estar além dos sentidos humanos como pode ser percebido nas palavras de Sócrates:

[...] muitas vezes os que têm uma vista fraca descobriram primeiro as coisas do que os que a têm penetrante! (p. 293)

Todos os objetos mundanos possuem três formas, a primeira é a sua natureza essencial, uma, aquela criada por Deus, que é o artífice natural, autor de todos os objetos: das plantas, dos homens, dos deuses, da terra, do céu, do universo e até Dele mesmo. A segunda forma é representada pelo artífice do objeto, o operário que executará a idéia real e a terceira é a imitação daquilo de que os outros são artífices. Dentro desta concepção, o imitador encontra-se três graus afastado do real.

A arte de imitar, representada, por exemplo, pela pintura, onde um pintor poderá fazer o que parece ser um sapateiro aos olhos dos que percebem tão pouco de fazer sapatos como ele mesmo, que julgariam o sapato simplesmente pela forma ou pela cor, está bem longe da verdade, pois ela executa tudo como para o seu autor parece ser ou ainda como ele gostaria que fosse, esta arte atinge apenas uma parte de cada coisa, é a parte pelo todo, que se bem executada, mostrando semelhanças com o objeto autêntico poderá ludibriar crianças e homens insipientes. E, por isso, do mesmo modo que o poeta, o pintor não terá lugar na República.

Os poetas também são imitadores e têm suas obras três pontos afastadas da realidade, eles parecem conhecer todos os ofícios, os sentimentos humanos e as coisas divinas, mas na verdade, não as sabem, pois, se as soubessem, eles, assim como, os pintores, ao invés de imitar o ofícios dos outros criando fantasmas e não seres reais, seriam eles próprios executantes deste ofícios.

A poesia exerce um grande poder de sedução por meio de palavras e frases, ela sabe colorir devidamente cada uma das artes, preocupando-se com as aparências, parece conhecer bem as artes, mas, apenas imita-as.

Os pintores, poetas e os imitadores em geral não possuem conhecimentos que valham sobre o que imitam e, estando três pontos afastada da realidade, a imitação pode, assim, ser considerada um sofisma que pode causar danos inclusive às pessoas honestas que não estão suficientemente educadas pela razão.

Na República, quanto à poesia, só serão aceitos os hinos aos deuses e louvores aos varões honestos e nada mais, pois se a mimética for incluída, a cidade será governada pelo prazer e pela dor, em lugar da lei e dos melhores princípios considerados pela comunidade.

Homero, conhecido como o maior dos poetas, enquanto poeta também não poderá permanecer na República com a sua arte, embora, seja também considerado o educador da Grécia e digno de ser tomado com modelo no que se refere à administração e a educação humana.

Excluir da República a arte mimética, não será fácil, uma vez que ela é sedutora, mas é atitude necessária que consiste em formar bons ou maus cidadãos. E para serem bons, não poderão deixar-se levar por honrarias, riquezas, poder, nem mesmo pela poesia, deixando de lado a justiça e outras virtudes.

Tudo o que for bom e mal deverá ser conhecido durante a vida, no tempo mediado entre a infância e a velhice, que é reduzido, se comparado com a totalidade. Essa totalidade representa a imortalidade da alma, que será boa ou má de acordo com as ações praticadas durante a vida. Se alma for cuidadosamente observada pela razão, separadamente do corpo e de outros males, perceber-se-á que ela é boa em sua essência.

A respeito dos homens justos e dos injustos, Sócrates diz a Glauco o seguinte:

[...] Direi pois que os justos, quando se tornam mais velhos, atingem na sua cidade os postos que quiserem, casam com quem quiserem. E tudo quanto afirmaste acerca dos homens injustos, afirmo que a maior parte deles, ainda que passem despercebidos quando novos, são apanhados ao chegarem ao fim da carreira, cobrem-se de ridículo e, quando envelhecem, são insultados na sua miséria por estrangeiros e conterrâneos, são chicoteados e sofrem aqueles suplícios que classificaste de selvagens, e com razão (depois são torturados e queimados com ferro em brasa; [...]) (p.313)

Prêmios, recompensas, castigos, nada são, em número nem grandeza, em comparação com o que aguarda cada um depois da morte.

Platão ilustra esta colocação através do Mito de Er narrado por Sócrates, que é uma alegoria sobre o que acontece após a morte. A história contada por Er, um valente que ressuscitou dez dias após ter morrido em combate, fala sobre o que seria a vida após a morte, a punição dos maus e a premiação dos justos, mostra que a vida deve ser conduzida de maneira equilibrada em busca das virtudes, do bem e da justiça e que o homem o é único responsável pelas suas escolhas.

#### BIBLIOGRAFIA

PLATÃO. A República. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.  
Fichamento do LIVRO X, p. 292 – 319.